

FABIANA VIEIRA DA SILVA

O *APARTHEID* SUL – AFRICANO NAS PÁGINAS DA FOLHA DE
SÃO PAULO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O ANO 1985.

PUC – SP
São Paulo
08/2011

FABIANA VIEIRA DA SILVA

O APARTHEID SUL – AFRICANO NAS PÁGINAS DA FOLHA DE
SÃO PAULO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O ANO 1985

Monografia para obtenção do título de
Especialista em História, sob a
orientação da Prof.^a Dr. Olga Brittes.

PUC – SP
São Paulo
08/2011

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado graças a uma multiplicidade de condições, favoráveis e adversas, as quais, sempre, felizmente, pude contar com pessoas mais que especiais.

A princípio, meus familiares, pais e irmãos, pelo incentivo aos estudos, compreensão das ausências, pelos debates em casa e pela dignidade mostrada diante das dificuldades, sendo, assim, um grupo, no qual um é um exemplo ao outro.

Ao professor Doutor Áureo Busetto pelas longas conversas, sugestões que marcarão profundamente, daqui por diante, todo o meu percurso acadêmico.

A todos do Arquivo Público do Estado de São Paulo por realizarem seus trabalhos da melhor forma possível, sempre, tendo em vista, o melhor andamento das pesquisas.

Agradeço aos colegas da turma de Especialização de Santana. Será que, sem vocês este trabalho teria sido possível? Uma equipe que tornou os meus sábados gratificantes. Um carinho mais que especial por eles: Renata, Maria Efigênia, José Alves, os “Cláudios”, Gisele e Marcelo.

A todos os meus amigos, entre elas, principalmente, Lígia e Fernanda.

Em especial, quero destacar a professora Doutora Olga Brites pelo acolhimento, paciência, disponibilidade, compreensão e por tornar possível uma inquietação, em um momento em que só havia uma recém graduada e uma ideia de pesquisa.

RESUMO

O objetivo desta monografia é caracterizar o racismo¹ e anti - racismo emitido pela grande mídia impressa paulista tendo em vista a forma como divulgou o regime de segregação racial sul – africano chamado *apartheid*.

O impresso selecionado como fonte e objeto de estudos foi a *Folha de São Paulo (FSP)*, órgão da grande mídia na medida em que, nos anos 1980, se tornaria o mais vendido em território nacional e se afirmava como lucrativa corporação empresarial a partir das transformações gráficas, tecnológicas e administrativas.

Nossa análise terá como foco o ano de 1985², momento em que o tema *apartheid* apareceu com mais frequência nas páginas da Folha de São Paulo e em espaços múltiplos. Pretendemos compreender qual a lógica de organização desses espaços, quais foram as vozes trazidas ou silenciadas pelos órgãos da grande imprensa ao tratar do assunto, como este conteúdo se articulou com o projeto gráfico editorial dos jornais selecionados, quais os sujeitos que se constituíram ou não constituíram nas notícias, como este tema se articulou com as discussões sobre o caráter do racismo e das políticas anti – racistas existentes no momento³.

¹ Partimos da perspectiva de Hall de pensar a ‘raça’ como categoria construída a partir de pressupostos políticos e sociais. Por meio dela se organizou um sistema de poder socioeconômico, baseado na exploração e reclusão. A esta categoria discursiva deu-se o nome de racismo. As diferenças sociais, biológicas e culturais existentes são explicadas a partir da naturalização das diferenças, as quais são fixadas, o que não responde à mudança ou à engenharia social reformista. Ver. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Brasília: UFMG, 2003, p.69.

² Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, na qual trabalharemos com a *Folha de São Paulo, O Estado de São Paul, Revista Veja*, no período que se estende de 1984 a 1990. Escolhemos como fonte e objeto de análise para este texto exemplares do jornal Folha de São Paulo (FSP) do ano de 1985 dado que os contatos iniciais que tivemos com as fontes mostraram este ano como um dos momentos em que o tema *apartheid* apareceu com mais frequência nas páginas da Folha de São Paulo. Isso não significa que não trabalharemos a construção dos silêncios impostos pela grande imprensa, mas tomar este momento como ponto de partida tem facilitado, até o momento, o desenvolvimento da pesquisa.

³ Cf. CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário C. *Na Oficina do Historiador: conversa sobre História e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, n° 35, p. 253 – 270, dez. 2007.

Sumário:

Introdução _____ p. 06 – 07.

1. Capítulo 1: Uma abordagem das relações entre História e Imprensa

1.1. Imprensa e construção do hegemônico _____ p. 08 – 11.

1.2. Imprensa, sociedade e relações raciais na grande mídia paulista da década de 1980 _____ p. 11 – 13.

2. Capítulo 2 : Racismo e anti – racismo a partir da construção do apartheid.

2.1. Para um ‘mundo de paz’: o que nos diz o editorial sobre o racismo sul africano? _____ p. 14 – 20.

2.2. Os ‘jovens negros’ _____ p. 20 – 22.

2.3. Uma luta pelos direitos civis: O que fazem os negros estadunidenses nas notícias sobre África do Sul? _____ p. 22 – 27.

3. Considerações Finais _____ p. 28 – 30.

4. Bibliografia _____ p. 31 – 34.

INTRODUÇÃO

O decorrer da década de 1980 foram de inserção do debate sobre a questão racial não somente dentro de setores organizados por negros, mas houve a busca por parte da chapa de partidos políticos como o PT e o PDT, de segmentos da população que se identificavam com a luta anti - racista ⁴.

Para a militância negra nacional, organizada em torno do Movimento Negro Unificado desde 1979, privilegiou-se um projeto de ação política de aproximação com a população mais pobre e resolução imediata dos problemas cotidianos, contrapondo-se à estrutura de distribuição de riquezas evidenciada pela exígua participação dos negros no chamado ‘milagre brasileiro’ da década de 1970.⁵

O governo brasileiro, por sua vez, reconheceu, na década de 1980, pela primeira vez, as desigualdades raciais existentes em território nacional ao criar entidades voltadas para o combate à discriminação e valorização da população negra, como ocorreu em 1982 com a criação do Conselho de Participação e Desenvolvimento da População Negra e, em 1988, com a Fundação Cultural Palmares.

A partir de questões que envolvem a movimentação anti – racista nacional, internacional e o processo de reorganização dos movimentos sociais na década de 1980 pensamos o papel da grande imprensa paulista na divulgação, ordenamento do real, produção da notícia e do esquecimento.

⁴ANDREWS, George. ANDREWS, *George. Negros e brancos em São Paulo (1888 - 1998)* Bauru.: EDUSC,1998, p. 256.

⁵ Conforme Andrews (1998), uma gama de estudos das áreas de Ciências Sociais e História, sobremaneira aqueles que tratam do período pós - milagre econômico trouxe, na década de 1980, um conjunto de estudos estatísticos, com índices de expectativa de vida, educação, renda os quais constataram, de forma mais sistemática, os desiguais benefícios alcançados pela sociedade civil brasileira, tendo em vista o distintivo da cor. Desse modo, foi constatado que o milagre brasileiro não beneficiou a maior parte da população afro-brasileira sendo que, mesmo aqueles que ascenderam aos ditos “postos do colarinho branco” sofriram o estigma da cor, procedimento que os acompanhava durante todo o século XX.

Tendo em vista tais problemáticas este texto foi elaborado da seguinte forma: consta de reflexões sobre a imprensa como objeto de estudos históricos e uma proposta de abordagem entre as relações entre História e Imprensa, a qual, acreditamos poderá traçar os caminhos para o desenvolvimento de nossa problemática. Em seguida trouxemos as fontes e, por meio delas, propomos um exercício de reflexão. Nesta parte propomos mais do que respostas, mas, sobretudo, questões, problemáticas e caminhos traçados para uma análise crítica das relações entre mídia e questão racial.

CAPÍTULO I

1. UMA ABORDAGEM DAS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E IMPRENSA.

1.1. Imprensa e a construção do hegemônico.

Para Perseu Abramo⁶ os órgãos da imprensa não refletem a realidade, mas, sim, mantêm com esta uma relação indireta, ou sejam criam, a partir de um conjunto de mecanismos, uma realidade artificial. Tais mecanismos atuam sobre o fato e, de um modo geral, ocultam, selecionam, descontextualizam, induzem, invertem os fatos a partir da seleção de determinadas vozes, autoridades ou emergência da opinião na notícia em detrimento ao acontecimento.

Acreditamos que há interesses de proprietários, anunciantes e que se refletem em todo o processo de produção jornalístico. Os grandes órgãos de comunicação de massa são propriedades privadas e, como tal, tem interesses econômicos, de classe, objetivam o lucro, o aumento do número de mercados consumidores de seu produto.

Acrescentamos, porém, como elemento ativo as múltiplas experiências⁷ daqueles selecionados ao trabalho e as pressões presentes na sociedade da qual faz parte. Assim, as concepções emitidas pelos impressos não devem ser isoladas em uma suposta realidade artificial dado que fazem parte de um conjunto de percepções presentes na sociedade da qual ela faz

⁶ Cf. ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁷ Thompson em sua crítica a Althusser introduziu nas análises o conceito “experiência humana”, prática social realizada por pessoas que vivem situações reais e que não se limitam às esferas do econômico e que produzem uma determinada consciência dessas relações e agem sobre a sociedade a qual pertencem. Cf. THOMPSON, Edward P. *O termo ausente: Experiência*. IN.: _____ *Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*: Rio de Janeiro: Zahar, s.d.

parte ao transmitir, reformular tais percepções e, ser, também, influenciadas por ela.

Investigaremos, assim, a prática social da imprensa e produção cultural dentro de uma ordem social específica, a partir de determinados sujeitos, quais as relações entre a imprensa e suas condições de produção, divulgação e os processos sociais globais, as múltiplas relações estabelecidas entre imprensa, sociedade e poderes constituídos. Tal perspectiva se estende às interpretações simplistas que enfatizam o caráter objetivo ou meramente manipulador e ideológico de determinadas publicações

Partimos da perspectiva proposta por Raymond Williams⁸ e pensamos na grande imprensa como instituições de comunicação. Instituições como local de sociabilidade, influência no processo social ativo, que seleciona valores e práticas e os incorpora seletivamente de forma a impor significados, valores, percepções, atitudes selecionadas e que só existem a partir do momento em que ocorre *auto - identificação*⁹ no local em que atuam.

Vemos, assim, o que Williams delineou como processo de construção do hegemônico, o qual se dá a partir da criação de um “conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo”¹⁰, mas que, contudo, não se exerce passivamente, sem resistência. “Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também, sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões. Temos, então, de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de

⁸ Cf. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

⁹ Ibid, p.121.

¹⁰Ibid.,p.113.

contra – hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistentes da prática”¹¹.

Em seu quadro, os órgãos da imprensa são compostos por um corpo de editores, chefes das sucursais, repórteres, redatores, colaboradores, gráficos, secretários de redação, especialistas, os quais falam à sociedade a partir do grupo a qual pertencem, estabelecem normas, educam o seu grupo social.

Por localizar-se em um campo de luta e tensões, o intelectual assume uma posição dentro da ordem social a qual pertence e, dessa maneira, ele pode prestar um importante serviço, seja ao grupo ao qual pertence, seja à dominação social.¹²

Para Oliva¹³ as publicações podem agir não somente como divulgadores de representações, mas, ao mesmo tempo, podem ser reflexos de determinadas percepções presentes na sociedade, evocando imagens já criadas, diferentes formas de ver e reproduzir leituras¹⁴.

Esta concepção de imprensa está presente, também, no livro *As utilizações da cultura*¹⁵ de Richard Hoggart. Ele propôs estudar as modificações na cultura das classes proletárias na primeira metade do século XX, tendo em vista a influência das publicações de massa.

Hoggart considerou como, nos anos 1920 e 1930, as publicações de massa divulgaram percepções, atitudes, valores de seu meio social, por vezes, simplificadas. Procurou caracterizar como as publicações de massa podem, também, provocar alterações ou, ainda, quais resistências que surgiram em seu meio social. Direcionou sua crítica para a ideia de

¹¹Ibid., p.116.

¹² SANTOS, Joel Rufino. *Encontro com o outro*. Café Filosófico. (Disponível em <<http://www.cpfcultura.com.br/site/2008/12/30/encontro-com-o-outro/>> Publicado em: 26/12/2008. Tempo do vídeo: 110 minutos. Acesso em 26/06/2011)

¹³ OLIVA, Anderson R. *Notícias sobre a África: representações do continente africano na Revista Veja (1991 – 2006)*. Afro – Ásia, 38, pp. 141 – 178

¹⁴ Id., Ibid., p.141 – 178.

¹⁵ Cf. HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*: Lisboa: Presença, 1973.

massificação. Os grupos populares têm modos de vida, pensar, sentir e de estar em contato com a imprensa que lhes são específicos. Ocorre recepção ativa daquilo que se apropriam e que está relacionada a uma gama de tradições, costumes que, por sua vez, influenciam as publicações de formas diversas.¹⁶

1.2. Imprensa, sociedade e relações raciais na grande mídia paulista da década de 1980.

Para Abreu¹⁷ a década de 1980 representou o apogeu, para a grande imprensa, de um processo de mudança que se estruturava desde os anos 1950: no aparelhamento técnico, na mudança de perspectiva, ao colocarem-se, a partir de então, na busca cada vez mais incessante em atender aos interesses dos leitores, à ordenação interna do jornal, o qual passou a contar com uma maior especialização das funções e seções, renovação da linguagem.

Acrescentamos que estas transformações não eram operadas isoladamente, mas em uma estrutura social, marcada por tensões e relações de força.

A crescente atuação da militância negra no cenário nacional, o processo de abertura política, que teria como um dos ápices da mobilização social a campanha pelas Diretas, bem como o crescente processo de reagimentação com novos personagens na cena política, o aumento das parcerias econômicas brasileiras em solo africano e as transformações pelas quais passavam os órgãos da grande mídia contribuíram para que, já em

¹⁶Cf. HOGGART, Richard. *O Deslassar das molas da Acção*. IN.: ____ *As Utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973, v.2.

¹⁷ ABREU, Alzira A. *A modernização da imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

1985, novos temas e novas abordagens fossem dados à questão ‘mobilização social’, entre os quais a mobilização nacional, internacional e, particularmente, sul – africana anti - apartheid.

Em 1986, o governo sul – africano havia declarado estado de emergência como resposta a onda de manifestações e protestos das organizações negras. Isto levou a um acirramento das críticas internacionais com a influência significativa de uma série de líderes religiosos, da política, artistas conhecidos internacionalmente.

Na tese *A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravatura no Brasil*, Ricardo Alexino Ferreira elencou uma série de notícias dadas pelos jornais da grande mídia brasileira, destacando que, neste ano, houve maior espaço para as ações da militância negra sendo a população negra, neste momento, agente ativo nas denúncias de discriminação racial. Em suas argumentações percebemos que o ano de 1988 foi marcado, sobretudo no contexto internacional, pelo acirramento das críticas contra o apartheid sul – africano devido ao septuagésimo aniversário do líder negro Nelson Mandela. Tais críticas tiveram forte ressonância no Brasil, com passeatas as quais exigiram do governo o rompimento de relações diplomáticas com a África do Sul.

Segundo Alexino¹⁸, a grande mídia acompanhou parte destas manifestações: a Rede Globo de Televisão, por exemplo, exibiu o show “Tribute to 70 th Nelson Mandela” realizado em Londres com um público de 72 mil pessoas. Já em outubro de 1988 foi realizado, pela Frente Nacional Contra o Apartheid, na Praça da Sé em São Paulo, um show - o primeiro da América Latina - que teve como foco o pedido de libertação de Mandela.

¹⁸ FERREIRA, Ricardo Alexino. *A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravatura no Brasil*. Dissertação de mestrado ECA – USP. São Paulo, 1993.

Eric Nepomuceno, em seu breve comentário sobre suas experiências como editor de assuntos internacionais do Jornal Nacional da Rede Globo, vivenciou, em 1982, já sem a censura prévia aos meios de comunicação de massa, a implantação de medidas restritivas no sentido de “suspender a insistência no noticiário sobre mortes de negros na África do Sul. Havia inclusive uma carta do embaixador sul – africano à direção do Globo”, decisão prontamente acatada pela empresa, mas com a resistência do jornalista¹⁹.

Para Hall²⁰, em sua prática social os meios de comunicação procuram incluir todas as formações dentro de sua estrutura social, mas esta atuação é confrontada pela existência de múltiplas formações sociais presentes na ordem social em que atua.

No processo de produção da notícia há, então, seleção de vozes, percepções, pontos de vista, espaços, criação de hierarquias. Nosso intuito é justamente interrogar os motivos das escolhas efetuadas e compreender quais os sentidos dados a elas.

Quais foram as vozes trazidas ou silenciadas pelos órgãos da grande imprensa ao tratar do tema apartheid ? Como este conteúdo se articulou com o projeto gráfico editorial dos jornais selecionados? Quais os sujeitos que se constituíram ou não constituíram nas notícias? Como este tema se articulou com as discussões sobre o caráter do racismo e das políticas anti – racistas existentes no Brasil naquele momento?

Investigaremos, assim, a prática social da imprensa e produção cultural dentro de uma ordem social específica, as relações entre a imprensa e suas condições de produção, divulgação e os processos sociais globais, as múltiplas relações estabelecidas entre imprensa, sociedade e poderes constituídos.

¹⁹NOVAES, Adauto. *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 207.

²⁰ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Brasília: UFMG, 2003.

CAPÍTULO II

2. RACISMO E ANTI – RACISMO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DO APARTHEID NA FSP

2.1. Para um ‘mundo de paz’: o que nos diz o editorial sobre o racismo sul – africano?

Escolhemos como fonte e objeto de análise para este texto, exemplares do jornal Folha de São Paulo (FSP) do ano de 1985, momento em que o tema apartheid apareceu com freqüência nas páginas da Folha de São Paulo e em espaços múltiplos, tais como a seção ‘Painel de Leitores’, ‘Exterior’, ‘Opinião’, a partir de textos reportagens, notas, cartas e entrevistas.

Iniciaremos nossa análise a partir da leitura de um editorial escrito no primeiro dia do ano de 1985, o qual foi intitulado “Mundo Longe da Paz”. Seleccionamos dada a forma como este texto pretendeu fazer um balanço da situação internacional do ano de 1984 e, como, a partir dele, fez projeções, as quais podem nos lançar luzes sobre quais os projetos encampados pela FSP, tendo em vista a perspectiva internacional.

Lemos nos dois primeiros parágrafos:

A situação política internacional no decorrer do ano 1984 esteve marcada pelas mesmas tensões dos anos anteriores. Violências terroristas extremas contrastaram com alguns avanços limitados no campo dos direitos humanos e de soluções diplomáticas em áreas críticas. Guerras localizadas tiveram continuidade, ao lado de uma expansão sensível da corrida armamentista, embora tenham igualmente crescido os protestos do movimento pacifista, em especial na Europa.

É forçoso reconhecer, no momento em que o calendário cristão marca a passagem de mais um ano - a apenas uma década e meia

do final do século 20 e na data convencionada como Dia Mundial da Paz – que a humanidade ainda vive bem longe da perspectiva cosmopolita idealizada pelos filósofos iluministas, a qual pressupunha não só a internacionalização das relações econômicas e o progresso material que lhe é subjacente, mas sobretudo o conagraçamento universal dos povos e etnias, baseado numa ordem jurídica harmônica e em governos constituídos sob a vontade geral dos cidadãos, jamais contra ela²¹.

Ao fazer este balanço a FSP definiu o que seria avanço ou retrocesso. Tais pressupostos estavam assentados na perspectiva que, segundo o texto, havia sido idealizada pelos ‘filósofos iluministas’, assim, o avanço ou retrocesso se baseiam no quanto perto ou longe se estava daquela perspectiva.

Cabe-nos, porém, interrogar que pressupostos são estes. Isso fica claro no texto: ‘internacionalização das relações econômicas e o progresso material que lhe é subjacente’, ‘conagraçamento universal dos povos e etnias’, ‘ordem jurídica harmônica’, ‘governos constituídos sob a vontade geral dos cidadãos’. Assim, o quão perto ou longe está o mundo de tais perspectivas? Como se alcançaria a paz, sendo esta vista como o alcance das prerrogativas acima. É esta a análise pretendida pelo editorial. Observe:

Digladiam-se sistemas político – ideológicos antagônicos, incrementando-se mutuamente os arsenais de destruição nuclear: é o conflito Leste – Oeste tendo como vértices duas superpotências em disputa permanente pela hegemonia de seus respectivos blocos²²

O ‘mundo’, de acordo com o editorial estava dividido em dois blocos distintos separados por ‘sistemas políticos e ideológicos’ que buscam a ‘hegemonia de seus respectivos blocos’. Longe do ‘conagraçamento dos povos’ temos povos que se ‘digladiam’ ou, ainda: “Chocam-se realidades

²¹ MUNDO LONGE DA PAZ. Folha de São Paulo. São Paulo, 01 jan. 1985. Opinião. Artigo não assinado, p.2.

²²Ibid., p.2.

sócio – econômicas profundamente desiguais, a separar e realimentar diferenças entre países ricos e países pobres”. Além do conflito Leste – Oeste, o que, supostamente diferenciava os povos do mundo eram as condições econômicas – ricos e pobres – que, podiam ser superadas desde que se alcançassem os pressupostos básicos da perspectiva ‘iluminista’ idealizada pelos ‘filósofos’.

Além das guerras, o editorial destacou, também, o reforço do nacionalismo como entrave. Tomou como caso a reeleição de Ronald Reagan que trouxe a tona o ‘vigor do nacionalismo nos Estados Unidos’, ou seja, com Reagan, os Estados Unidos caminhavam no sentido oposto aqueles propalados nas primeiras linhas do texto: a internacionalização das relações econômicas, que, por sua vez, traria, conseqüentemente, o progresso material.

Assim, a partir de tais perspectivas, o mesmo editorial partiu para a análise de Moscou, América Latina e tratou em um parágrafo, especificamente, do Cone Sul:

No Cone Sul, o processo de transição democrática desenvolve-se de modo desigual, com altos e baixos entre os estados de ditadura e de direito. Mesmo assim, alguns avanços foram notáveis. No Uruguai, a devolução do poder aos civis mediante eleições gerais e diretas, após mais uma década de regime militar, representou passo significativo no rumo da democracia. E na Argentina de Alfonsín, em que pesem todas as vicissitudes de um governo que se deparou com uma nação arrasada pelos efeitos de guerras interna e externa, o respaldo popular à vida democrática prevaleceu sobre forças obscurantistas, através de expressivo apoio ao novo regime no plebiscito que aprovou acordo negociado com o Chile acerca do canal de Beagle. O endurecimento da ditadura de Pinochet neste último país e o prolongamento do despotismo de Stroessner, no Paraguai, constituem os contrapesos autoritários à abertura política nessa parte do continente.²³

Os valores que se sobressaem dos ‘avanços’ tidos no Cone Sul, no qual se insere o Brasil, foram marcados, sobretudo, pela forma como se

²³ Ibid., p. 2.

constituíam os governos: liderados por civis, com eleições gerais e diretas, sendo este, então, o caminho ‘rumo’ à ‘democracia’

E, por fim, as considerações sobre a forma como o continente africano foi inserido ‘neste mundo’:

A África marcou sua presença no cenário mundial com fatos que apontam para o estágio incipiente da humanização do homem. Enquanto na Etiópia, milhões de habitantes foram atingidos pelo flagelo da seca - fazendo paralelo com a situação do Nordeste brasileiro e reiterando que a ‘geografia da fome’ tem raízes sócio – econômicas - , o bispo sul – africano Desmond Tutu era agraciado com o prêmio Nobel, fazendo o mundo lembrar que ainda se convive no concerto das nações, com uma constituição racista e uma ditadura branca, apesar dos votos contrários da maioria dos países membros da ONU, ai incluído o Brasil²⁴

Destacamos, aqui, alguns elementos que se tornaram freqüentes nas notícias sobre África e a construção do apartheid e do anti – apartheid nas páginas da FSP, neste momento.

A princípio percebemos como foram reforçados alguns estereótipos²⁵ deste continente, tratado de forma homogênea, descontextualizada. A expressão utilizada para caracterizá-lo foi “local incipiente de humanização do homem”, expressão que remete à naturalização ou essencialização das concepções de ‘primitivismo’, barbárie, como intrínsecos ao continente africano.

Tal como proposto por Williams²⁶, conceitos são problemas não resolvidos. O conceito ‘barbárie’ acompanhou o desenvolvimento histórico do termo ‘civilização’. Este, por sua vez, é premente até os nossos dias.

²⁴Ibid., p. 2.

²⁵ As relações entre os afros – brasileiros e o vasto setor da sociedade brasileira tem sido marcada por um conjunto de estereótipos que ora os constroem, ora os estimulam, dependendo da área que almejam. Tal questão foi trabalhada de forma incisiva por Joel Zito Araújo. Em seu livro *A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, Araújo traçou a trajetória do negro na formação e desenvolvimento da televisão brasileira; cuidou de questões relacionadas à produção e divulgação de estereótipos ressaltando a cumplicidade de segmentos televisivos com uma estética de branqueamento. Lília Moritz Schwartz, *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do Século XIX*, por meio da análise dos anúncios buscou recuperar a dinâmica que envolve os aspectos relacionados à construção e manipulação da imagem do negro, como foi representado a condição de escravo e sua rebeldia nas páginas da mídia impressa paulista do final do século XIX.

²⁶ WILLIAMS, 1979, p.19

Adquiriu, em sua historicidade, uma nova significação e ampliação e que passou a indicar “estado organizado” ou “desenvolvimento social que implicava processo histórico e progresso” e “valores realizados”.

Vemos, assim, como este editorial selecionou elementos e organizou todo o processo social a partir de determinados valores que foram naturalizados, mas que devem ser compreendidos como “complexo realizado de experiências, relações e atividades com pressões e limites específicos e mutáveis”²⁷.

Apesar da construção do estereótipo não ser o foco da pesquisa este foi um aspecto ativo na construção da notícia. Além deste elemento, o que mais chamou nossa atenção foi a presença da figura de Desmond Tutu e o destaque que adquiriu neste editorial.

Tutu, 8 anos após ocupar o cargo de secretário geral do Concílio da Igreja na África do Sul, foi eleito o primeiro bispo negro de Joannesburgo. Em 1984 ganhou o título de Prêmio Nobel da Paz o que lhe deu notoriedade internacional e projeção, sobretudo nos meios de comunicação de massa²⁸.

Identificado pelo editorial como ‘ganhador do Prêmio Nobel’, era, assim, uma autoridade no assunto ‘paz’, foco do editorial. Tutu teria, assim, despontado “fazendo o mundo lembrar que existe uma constituição racista e uma ditadura de minoria branca, apesar dos votos contrários da maioria dos países membros da ONU, incluindo o Brasil”²⁹.

Afora o fato de ter sido escolhido Prêmio Nobel - e se pode mesmo indagar as razões de sua escolha para o título - as questões que surgem a partir desta leitura cercam, justamente, a escolha de Tutu como uma

²⁷ Ibid., p.115

²⁸SAMPSON, Anthony. *Negro e o ouro: magnatas, revolucionários e o apartheid*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.176.

²⁹MUNDO LONGE DA PAZ, 1985, p. 2.

espécie de porta-voz da luta anti – apartheid e a notoriedade que adquiriu neste momento e que o trouxe para as páginas da FSP.

A partir de tais elementos pudemos interrogar: Qual era o projeto de abertura anti - apartheid proposto por ele e que justificaria sua proeminência no cenário internacional e as relações desta posição com o espaço que recebeu na imprensa paulista?

Outro fato que chamou a nossa atenção, no mesmo editorial foi a forma como a FSP posicionou o Brasil diante do regime segregacionista sul – africano: cabia, então, a posição de oposição incontestada. Não há alusões, comparações às práticas racistas e aos projetos de anti – racismo encabeçados por diversas entidades, o que fugiria aos objetivos do editorial. Contudo, assumir a posição de opositor pode-se remeter a ideia de que tal assunto dizia respeito à política externa, a qual a intervenção só era válida na medida em que ela permitiria que se efetivassem os objetivos propalados nas primeiras linhas do editorial, o qual primava pela internacionalização das relações econômicas.

Daí, pode-se argumentar o por quê das referências ou alusões à África do Sul se restringirem, predominantemente ao Caderno Exterior, neste momento. Qual a lógica interna de seleção, organização e hierarquização das notícias neste caderno, de um modo geral e, em particular, para a Folha de São Paulo, tendo em vista seu projeto político editorial?

Para o ano de 1985, as notícias que tem como foco a África do Sul podem ser divididas em três grupos principais: as que em como principal sujeito da ação ‘Pretória’, ou seja, o governo branco sul – africano; as que tem como sujeitos uma série de personalidades norte – americanas, principalmente colocando-se contra a segregação e associando a luta anti – apartheid ao movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos e, em

menor número, personalidades sul – africanas e as que tem como principais sujeitos da ação a maioria negra sul - africana, com destaque aos jovens.

É sobre estes grupos de notícias que pretendemos fazer nossas reflexões.

2.2. Os ‘jovens negros’

O grupo social identificado como jovens negros’ pelo jornal, ao ganharem espaço na FSP, foram descritos pelo jornal como, sobretudo inábeis e desorganizados no trato das questões políticas ou eram, na maioria das vezes, vítimas das ações praticadas pela polícia branca. Ao passo que o governo branco sul – africano estava presente como um mediador das questões, sempre que havia alguma notícia sobre África.

Vejamos um exemplo³⁰ referente às aceções emitidas pelo grupo jovem:

³⁰ *Negros atacam praia segregada na África do Sul*. Folha de São Paulo. São Paulo, 03 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 17.

Negros atacam praia segregada na África do Sul

Um grupo de cinquenta jovens negros sul-africanos atirou pedras contra os banhistas de uma praia reservada aos brancos perto de Port Alfred, ferindo gravemente um garoto de seis anos na cabeça. O menino, que passeava num jipe de praia, encontra-se hospitalizado em estado crítico. Pouco antes, o mesmo grupo havia incendiado outro jipe, cujos ocupantes haviam fugido apavorados.

Os ataques dos jovens negros constituíram os primeiros conflitos raciais recentes ocorridos fora das cidades negras segregadas. Todas as vítimas dos confrontos entre brancos e negros no ano passado foram negras, com a exceção de um bebê, morto por uma pedrada quando sua mãe passava de carro através de uma cidade segregada.

Tutu protesta

O bispo anglicano Desmond Tutu, ganhador do prêmio Nobel da Paz no ano passado, pediu ontem, em Johannesburgo, o estabelecimento de sanções econômicas contra a África do Sul dentro de dois anos caso a situação da população negra não melhorar até lá. O líder religioso disse que poderá pedir também que as empresas estrangeiras retirem seus investimentos do país se não houver mudanças.

Tutu, que será investido no mês que vem como bispo de Johannesburgo, enumerou as mudanças mais necessárias: o fim do sistema de trabalho migrante que separa os trabalhadores negros de suas famílias, a sindicalização dos operários negros e o financiamento da educação das crianças e jovens negros pelas empresas sul-africanas.

‘Negros atacam’, ou seja, agem no ímpeto, agriDEM. Sobressai-se, aqui, os estereótipos os quais relacionam os negros e, sobretudo, os negros de origem africana a supostos ‘primitivos’, ‘bárbaros’, ‘selvagens’.

Percebemos na nota que, ao atacarem, os negros fizeram a si próprios de vítimas – “Todas as vítimas do confronto entre brancos e negros foram negras”.

Assim, dentre as inúmeras possibilidades de abordagem da questão, qual seja, mobilizações anti – apartheid, os elementos selecionados na nota permitiram que se sobrepusesse a imagem da inabilidade no trato das resoluções de seus próprios conflitos, qual seja, colocar fim à segregação racial nas praias, reforçando, novamente, o conjunto dos estereótipos, comumente presentes nos meios de comunicação de massa.

Contudo, novamente sobressai-se a figura de Desmond Tutu, ou seja, ao ficar implícito a ideia de que eram incapazes de resolverem suas questões, os sul – africanos negros, tratados, então, de forma homogênea, necessitavam de guias ou tutores capazes de liderarem suas mobilizações. Uma das problemáticas levantadas por este trabalho é, pois: até que ponto as personalidades que ganharam vozes nas páginas do impresso refletiam os anseios dos sul – africanos, de quais grupos, de quais projetos eram representativos?

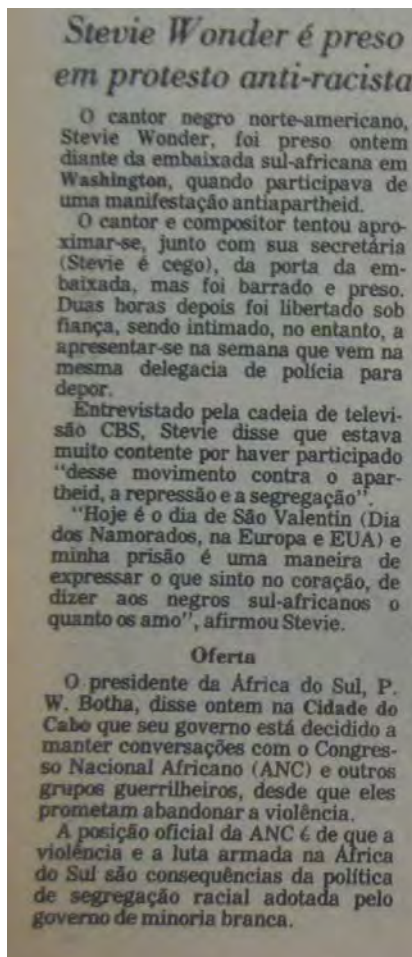
Sobressaíram - se, para o ano de 1985, uma série de personalidades norte – americanos, sejam eles políticos, religiosos, músicos, entre outros, que aproximaram de forma quase automática a questão sul – africana com a luta pelo direito civis nos Estados Unidos. Assim, diversas mobilizações acontecidas nos Estados Unidos e que tinham como tema a luta anti – apartheid tiveram espaço no caderno exterior da FSP.

2.3. Uma luta pelos direitos civis? O que fazem os negros estadunidenses nas notícias sobre África do Sul?

Deparamo-nos, em nossas pesquisas, com a presença constante, nos espaços do jornal FSP, para o ano de 1985, de notícias que tinham como

principais sujeitos da ação a população negra norte – americana e suas mobilizações anti – apartheid.

Em 16/02/1985³¹ ganhou espaço no caderno exterior a nota abaixo:



A nota centrou-se na prisão de Steve Wonder perante a manifestação anti - apartheid. Dentre tantos protestos que ocorriam na África do Sul nós nos interrogamos sobre os motivos que possibilitaram o espaço a este acontecimento e de que forma foram selecionados determinados aspectos que construíram a notícia. Seria em decorrência da notoriedade de Steve Wonder no momento, sua fama e o interesse da população em saber notícias suas? Não acreditamos nesta possibilidade, mas não podemos ignorar sua notoriedade.

³¹ *Stevie Wonder é preso em protesto anti – racista*. Folha de São Paulo. São Paulo, 16 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 18.

As notas que compõe o caderno exterior são, em sua maioria, emitidas pelas agências internacionais de notícias. Assim, tentar especificar a presença desta notícia no caderno exterior da FSP deve ser um exercício de reflexão que engloba, também, a emergência dela no cenário estadunidense e a influência exercida pelas agências internacionais de notícia na hierarquização e divulgação de temas, padronização de imagens e conteúdos.

Porém, destacamos que, quando chegam às redações, estas notícias, mesmo que já tenham uma determinada orientação, passam pelo crivo de redatores e editores, os quais selecionam, hierarquizam, decidem o lugar da notícia no espaço do jornal e se vai ocupar algum espaço.

Além do espaço que teve nos interrogamos sobre o conteúdo. Uma curiosidade mais aguçada poderia se interrogar sobre as características da manifestação, o número de participantes. Contudo, os aspectos selecionados focaram, sobretudo, Steve Wonder, sujeito da ação, personagem caracterizado como cego, levado pela secretária, o qual foi preso e deve pagar fiança³². São estes os elementos que se sobressaem na nota.

Esta ação, pois, substituiu a movimentação sul – africana e, em contraponto, talvez com o objetivo de mostrar os dois lados da questão, foi dada voz à autoridade branca sul – africana. A opinião de Botha em lugar da informação jornalística ou acontecimento e do Congresso Nacional Africana, entendido como ‘porta – voz’ da maioria negra.

Outra personalidade norte – americana que ganhou espaço na FSP por mobilizar-se contra o apartheid foi o senador Edward Kennedy. Foi dado destaque à visita que fez à África do Sul, acompanhada cotidianamente pelo jornal, o qual deu um conjunto de notas no mês de janeiro de 1985, cujas chamadas foram: “Kennedy visitará a África do

³²Ibid, p. 18

Sul”³³; “Kennedy critica racismo”³⁴; “ Kennedy e Mandela”³⁵; “ Kennedy faz ato de protesto por Mandela”³⁶; “Senador proporá sanções”³⁷.

Em sua visita, Kennedy, caracterizou a política do apartheid como algo “indecente, desumana e precisa ser mudada”³⁸, desafiou autoridades, protestou. Ele foi o sujeito que constituiu a ação.

Temos, neste caso, as notas curtas e descritivas descrevendo as ações de personalidades norte – americanas na luta contra o apartheid e a fala das autoridades branca, ministros do desenvolvimento Chris Heunis e da Educação Gerrit Viljoen, os quais teriam qualificado a visita do senador de “infeliz” e “destinada a denegrir a imagem do país”.³⁹

Mas, o que pensava a população negra sul – africana sobre a visita de Kennedy, qual seu projeto de abertura política e de fim do segregacionismo proposta por ele? Quais os motivos que o levaram a ir para a África do Sul e quais os grupos de sul – africanos que o receberam e que se identificaram com ele?

Segundo esta última nota, Allan Boesak teria participado da manifestação realizada por Kennedy diante das prisões onde se encontra Mandela. Repetimos as questões propostas anteriormente para Steve Wonder: quais as características desta manifestação? Participantes? Receptividade? .

E, por outro lado, o que pensava a maioria negra sobre a visita de Edward Kennedy? Vamos pensar na maioria negra não como um grupo homogêneo, mas formado por inúmeras organizações proscritas, partidos

³³ Kennedy visitará a África do Sul. Folha de São Paulo. São Paulo, 6 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 15

³⁴ Kennedy critica racismo. Folha de São Paulo. São Paulo, 9 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 11

³⁵ Kennedy e Mandela. Folha de São Paulo. São Paulo, 10 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 15.

³⁶ Kennedy faz ato de protesto por Mandela. Folha de São Paulo. São Paulo, 12 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 15

³⁷ Senador proporá sanções. Folha de São Paulo. São Paulo, 18 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p.16

³⁸ *Kennedy critica racismo*. Folha de São Paulo. op. cit., p. 11.

³⁹ *Kennedy faz ato de protesto por Mandela*. Folha de São Paulo. op. cit, p. 15.

políticos, sindicatos e que, juntos, tinham um objetivo comum, colocar fim ao regime de segregação racial imposto desde 1948, mesmo que os caminhos para isso apresentavam-se, para as várias organizações, diversos.

A maioria negra, de um modo gera, sobretudo os jovens, para quem as dificuldades eram mais latentes, não viam de forma positiva nenhuma personalidade norte – americana, dado que associavam os Estados Unidos e as parcerias comerciais com o governo branco, com o financiamento, endurecimento da repressão policial e projeto de abertura esboçado na década de 1980 que em nada havia mudado a condição da grande maioria⁴⁰.

A seção Imprensa no mundo trouxe duas transcrições da UPI que tinham como referência o apartheid. O “New York Times” mostrou um crítico ao enfatizar os objetivos eleitoreiros da visita. Já o Washington Post teria comentado em editorial a visita de Edward Kennedy à África do Sul, enfatizando que ela serviu para despertar o público norte – americano em torno da segregação racial de Pretória.⁴¹

Provavelmente, esta questão ganhava notoriedade nos espaços da mídia norte – americana, dado que o assunto havia ganhado um espaço no editorial do Washington Post.

Nos Estados Unidos estavam em discussões o papel das grandes corporações empresariais na África do Sul e a notoriedade político – econômica adquirida pela população negra, a qual estava sob o olhar incessante de políticos que, ao perceberem a identificação dos negros com a causa sul – africana, tomaram a questão como plataforma política, conforme salientado pelo New York Times.

As multinacionais eram acusadas de encorajar o apartheid. Os grandes capitalistas alegavam que o desenvolvimento econômico traria,

⁴⁰ SAMPSON, 1988, *passim*. .

⁴¹ IMPRENSA NO MUNDO. Folha de São Paulo. São Paulo, 16 jan. 1985. Exterior. Nota não assinada, p. 17

paulatinamente, a integração dos negros na ordem social vigente e melhoraria a vida da população negra.

Segundo Sampson homens de negócio olhavam para os líderes sul – africanos considerados mais moderados, ou seja, aqueles que não fugiam aos preceitos básicos do capitalismo, que tinham como objetivo integrar-se na ordem social vigente. Entre eles estavam Buthelezi. Era percebido como uma terceira força, chamado pelos homens de negócio porque, basicamente, opunha-se à violência e encorajava a livre empresa.⁴²

Atentamos, também, para a percepção do jornal estadunidense do crescimento da importância da população negra e a forma como a FSP percebeu este trecho e o selecionou para compor o espaço dedicado a destacar os principais elementos da ‘Imprensa no Mundo’.

⁴². SAMPSON, 1988.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do apartheid foi divulgado pela Folha de São Paulo no ano de 1985. Pensamos, assim, a problematização desta presença, tendo em vista os elementos selecionados, pontos de vista, fatos e personalidades selecionadas e que compuseram um sentido ao fato divulgado.

A partir de editorial pudemos ver um projeto de sociedade que envolvia uma perspectiva política, econômica e social que davam as bases para a projeção de diferentes formas políticas. A FSP primava, assim, pelo que ela chamava de avanço da democracia e que tinha como principal elemento constitutivo a existência de governos constituídos pela maioria e a representação política dos indivíduos restritas ao voto. A orientação econômica se dava pela internacionalização dos mercados, sobretudo.

Nesta perspectiva se inseria o continente africano, como local de atraso, mas onde, de acordo com a perspectiva do jornal, com a possibilidade de se vislumbrar uma perspectiva. Tal perspectiva se tornaria possível a partir da seleção de líderes, sejam eles africanos ou não, mas que deveriam ter um projeto específico de integração do continente o qual deveria caminhar ao encontro da perspectiva lançada pelo órgão.

Ressaltamos aqui o papel público assumido por intelectuais, tal como proposto por Said⁴³ e estendemos a abordagem ao sublinharmos o papel de personalidades da música, esporte, religiosos, artistas e a posição que assumem diante de questões tão complexas, as quais envolvem, projetos políticos, sociais, econômicos, culturais, reforço de percepções, desconhecimento e que, em contrapartida, podem reforçar preconceitos, discriminações, racismos, xenofobias.

⁴³ Cf. SAID, Edward. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2003.

Não que estas últimas tenham sido as posturas adotadas por Desmond Tutu, por exemplo, personagem que recebe grande destaque neste momento ou outros líderes que se manifestaram e ganharam as páginas. Nossa problemática gira em torno da forma como, a partir dos projetos encabeçados, determinadas pessoas puderam, ou não, serem selecionados como porta – vozes pelos meios de comunicação de massa.

Ao contrário de Tutu, Nelson Mandela, que ganharia notoriedade para os últimos anos da década de 1980, neste momento, permanecia um tanto obscurecido nas páginas da Folha de São Paulo. Seria, talvez pelo seu encarceramento que já havia, neste momento, completado duas décadas? Dificilmente, dado que, mesmo tendo seu nome banido na África do Sul, sua popularidade estava extremamente alta dentro e fora deste país. Pode-se questionar, assim, tal como fizemos para Tutu, qual seria o projeto político, social, econômico e cultural de abertura anti – apartheid trazido por Nelson Mandela e o Congresso Nacional Africano e que os tornavam figuras um tanto obscurecida nas páginas da FSP.

Assume-se uma postura anti – aparthei, anti – racista mas que tem como base, sobretudo, a integração dos negros dentro da ordem capitalista e daí podemos nos interrogar sobre as novas formas de racismo que emergem quando se adota tal perspectiva.

Assim, traçamos elementos para compreender de que forma, em um cenário marcado pela Guerra Fria e ameaça ao capitalismo, o apartheid, todo momento condenado pela FSP, deveria ser extinto, mas, tomando como base um projeto de abertura que não ameaçasse a estrutura social vigente, tal como ocorrera, na década de 1960, com a luta dos negros estadunidenses, pelos direitos civis, ou seja, direitos que lhes estavam garantidos em lei.

Não esqueçamos que, na África do Sul, a situação era sem paralelo, dado que a maioria negra era excluída não somente da Constituição, dos

espaços públicos mas caberia a ela um modo de organização de vida em separado causando, para eles, um processo de desapropriação de seus territórios a favor de uma minoria branca que os utilizava, contudo, com força ativa no mercado de trabalho. Entretanto, vislumbrava-se, neste momento, uma percepção desta população, também como um mercado consumidor em potencial e esta percepção estaria na base que daria sustentação às críticas que viriam, principalmente aquelas encabeçadas pela movimentação estadunidense anti – apartheid.

3. Bibliografia:

ABREU, Alzira A. *A modernização da imprensa (1970 – 2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar A. *História do Movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 15f.. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1412.pdf. Acesso em 15/08/2011

ALBERTI, Verena. *Movimento negro e "democracia racial" no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 15f.. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1504.pdf. Acesso em 15/08/2011

ANDREWS, George. *Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1998)*. Bauru.: EDUSC,1998

ARAÚJO, Joel Zito. *A Negação do Brasil: O Negro na Telenovela Brasileira*. São Paulo: Senac, 2001.

AUBENAS, Florence; BENASAYAG, Miguel. *A fabricação da informação: jornalistas e a ideologia da comunicação*. Porto, Campo das Letras, 2002.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo*. 4ª. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

BAIROS, Luiza. *Orfeu and Power: uma perspectiva afro – americana sobre a política racial no Brasil*. Afro – Ásia n°. 17, 1996, p. 173 – 186.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. In.: *Obras Escolhidas*,v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CEZIMBTA, Simone D. *Movimentos de Resistência ao Regime de Apartheid na África do Sul: uma análise sobre a imprensa gaúcha*. Monographia, Porto Alegre, n. 1, 2005. Disponível em:<<http://www.fapa.com.br/monographia>>

CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário C. *Na Oficina do Historiador: conversa sobre História e Imprensa*. Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 253 – 270, dez. 2007.

D' ADESKY, Jacques. *A ideologia da democracia racial no limiar do anti – racismo universalista*. IN.: SALGUEIRO, Maria A. A. *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005

DA MATTA, Roberto. *Notas sobre o racismo à brasileira*. IN.: SOUZA, Jessé. *Multiculturalismo e racismo*. Brasília: Paralelo15, 1997.

FERREIRA, Ricardo Alexino. *A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravatura no Brasil*. Dissertação de mestrado ECA – USP. São Paulo, 1993.

FERREIRA, Ricardo. *Reelaboração do olhar: a instrumentação e formação do comunicador na cobertura das diferentes realidades africanas e do segmento afro-descendente brasileiro, a partir do jornalismo científico e jornalismo especializado*. In: SBPC. (Org.). *Reunião Anual da SBPC, 57 (Edição Eletrônica)*. São Paulo: SBPC/UECE, 2005, v. , p. -. . Acesso em 11/03/2011.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *O recente anti – racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários*. Revista USP, São Paulo, nº 28, dez/fev. 1995/1996, p.84 – 95

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Brasília: UFMG, 2003.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*: Lisboa: Presença, 1973.

MARTIN – BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ªed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MUNANGA, Kabengele. *A identidade negra no contexto da globalização*. In.: Ethnos Brasil, nº. 1, 2002.

MUNANGA, Kabengele. *África: trinta anos de processo de independência*. Revista USP, São Paulo, n.º 18, jun-ago/1993.

NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

NOVAES, Adauto. *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

OLIVA, Anderson R. *Notícias sobre a África: representações do continente africano na Revista Veja (1991 – 2006)*. Afro – Ásia, 38, pp. 141 – 178.

PENNA Filho, Pio. *África do Sul e Brasil: diplomacia e comércio (1918-2000)*. Rev. bras. polít. int. v.44 n.1 Brasília jan./jun. 2001.

PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto – imagem dos jornais do Grupo Folha (1978 – 2004)*. Dissertação de mestrado PUC - SP. São Paulo, 2008.

SAID, Edward. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2003.

SAMPSON, Anthony. *Negro e o ouro: magnatas, revolucionários e o apartheid*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.176

SILVA, Francisco C. T. *Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974 – 1985*. IN.: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves & FERREIRA, Jorge (Org). *O período republicano: o tempo da ditadura - regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. RJ: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Marcelo L. *A História no discurso do Movimento Negro Unificado: os usos políticos da História como estratégia de combate ao racismo*. Dissertação de Mestrado UNICAMP. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999

THOMPSON, Edward P. *O termo ausente: Experiência*. IN.: ____ *Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*: Rio de Janeiro: Zahar, s.d

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.